

Filipe Volta Milheiro Lima

Título:

Amor em sala de aula

Texto:

A professora dirige-se à turma de rapazes e raparigas e diz: - vocês são adolescentes e gostava de saber o que é pensam sobre o amor. Podem apresentar os vossos trabalhos na próxima semana.

Gerou-se um burburinho na sala de aula e um dos alunos, chamado Gregório, perguntou: - posso escrever um livro ... pequenino?

- Podes, mas achas que o entregas a tempo? Interrogou a professora.

- Não há nada mais fácil, respondeu o aluno. E continuou em jeito de desafio... a história começa ... *era uma vez...* a seguir surge uma cena assustadora do tipo... *aconteceu uma surpresa terrível...*, mas no final tudo acaba bem ... *contra todas as expectativas*

Gargalhada geral da turma.

- Que grande escritor, disse a colega que estava próxima! Que inovação!

E o aluno, indiferente, num tom mais baixo adiantou ... o enredo, que é importante, mais coisa menos coisa, deve incluir ... *amores improváveis, famílias desavindas que não consentem o namoro dos filhos ...* .

- Já não estamos na idade média, insistiu a colega do lado!

Gregório prosseguiu entusiasmado: - sabem quem é o ator principal? Claro que é um jovem rapaz, figura alta e esbelta, parecido com o Gregório Martins, só Gregório para as amigas...

Alguém na sala assobiou e ele fez uma vénia e num sotaque meio abasileirado declamou ...

para donzela, vou inventar, por exemplo, uma moça rebelde que gosta de trepar às árvores para colher frutos e admirar a paisagem....

A professora não resistiu e perguntou do mesmo jeito - ... e a tal donzela não tem nome?

- Isso fica para o fim... vou descobrir ...- gracejou Gregório

Olha que eu também gosto de subir às árvores... informou o aluno do fim da sala, e todos, num ápice, se viraram para trás!

Gregório, impávido e sereno, lembrou à professora - está a tocar a campainha, podemos sair para intervalo?

No recreio não se falou de outra coisa. Gregório rodeado de raparigas e rapazes olhava para o horizonte perdido e às tantas disparou: qual é a vossa?

Entraram na sala de aula e Gregório antecipou-se à professora: - ainda não acabei... .. até aqui foi bastante fácil; se acrescentar um ou outro acidente pelo meio e algumas cenas mais arrojadas, a história vai ficar uma maravilha. É verdade, tenho de arranjar algumas piadas que ficam sempre bem. Feitas as contas, contando os dedos da mão, Gregório concluiu satisfeito ... já dá para algumas páginas do livrinho. Só falta mesmo, para "encher a história", acrescentar aquelas descrições compridas com nomes esquisitos, verdejantes e aromáticos, que às vezes nem sabemos o que quer dizer e temos de ir ao dicionário, mas não vamos. Estou tramado? Fica para a próxima aula, sentou-se e recostou-se na carteira.

Na aula seguinte

Como se não houvesse outros alunos e alunas na turma e só ele é que tivesse de apresentar o trabalho, ficou de pé, sorriu para a professora e olhando cara a cara, abriu os braços e disse: já está, o livrinho já está acabadinho ..., eu não dizia?

O aluno do fim da sala, impaciente, interrompe-o: - deixa-te de tretas, só queremos saber quem é a donzela é da turma?

Calma! Primeiro vou contar como consegui "encher a história". Foi até engraçado. No sábado de manhã, antes mesmo do Sol nascer, peguei no telemóvel e fui passear pelo campo e fotografei tudo o que me aparecia pela frente, pelo lado ou por cima. Não me escapou filmar o nascer do sol, o voo dos pássaros, ou a ribeira de água transparente que circundava o campo.

Silêncio na sala.

Regressei a casa e por cada fotografia consultei a internet e o dicionário ilustrado e fiquei a saber: o nome das árvores, a tonalidade das folhas e o sabor dos frutos; descobri flores, anotei as cores e descrevi o aroma das ervas aromáticas; registei os nomes e os cantares (talvez a palavra certa seja chilrear) de meia dúzia de pássaros. Ao seguir uma rola muito engraçada, não vi a árvore, dei uma bruta cabeçada. Ainda consegui vislumbrar uma pequena joaninha (são todas pequenas), mas achei melhor não incluir a joaninha na história e por isso risquei estas linhas. Adorei, sim, adorei as duas borboletas (muito raras) que vi no jardim com cores tão exuberantes, a esvoaçar, que faziam sustar a respiração – autênticas bailarinas.

E escreveste isso tudo? - perguntou a professora.

Sim, a prosa que escrevi mais parecia um poema. Parece até que o amor transforma tudo.

Mas ainda não terminei. Suspense ... Lembrei-me que não tinha ainda visto no telemóvel os filmes que fizera no campo. O nascer do Sol esteve fortíssimo, tive de semicerrar os olhos e foi quando de repente vi uma donzela estendida na ribeira, sem dar sinal de vida! Oh meu Deus... Corri pelo campo fora e só parei na ribeira. Aproximei-me da minha princesa que estava linda e perfumada como uma rosa. Beijei-a uma, duas, três, quatro vezes e passei-lhe água pelo rosto. O amor floriu!

Gregório, orgulhoso, comovido e sorridente, contou o final da história : - amor, querida, que susto, o que te aconteceu, podias ter morrido! E a moça rebelde, de que vos falei, que gosta de

trepar às árvores para colher frutos e admirar a paisagem, segredou-me ao ouvido: - vi que me estavas a filmar, desci da árvore, mas tropecei e caí na ribeira.

Este amor, imaginário, também é amor.